

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) - A EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE EXTENSÃO

Rosa Malena de Araújo Carvalho

Instituto de Educação Física da UFF – rosamalena@id.uff.br

Objetivando problematizar as formas como as práticas corporais são desenvolvidas nas escolas públicas, em particular na Educação de Jovens e Adultos, indagamos o porquê da negação e do afastamento das expressões e movimentos corporais nesse processo de escolarização. Ao considerá-la no contexto heterogêneo e complexo da EJA, percorremos o caminho de entender corpo e educação como multiplicidade, diferença, particularidade - e não como universal. Sem esquecer que nossa capacidade de singularização requer olhar com aproximação e estranhamento a realidade que nos forma e por nós é formada, pois “Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas” (GEERTZ, 1989, p. 64).

Assim, nossas histórias e marcas corporais estão relacionadas com as diferentes formas de dialogar com as intensidades das nossas relações. Os encontros - que constituem os processos escolares -, podem ser alegres, críticos, mobilizadoras da minha inconclusão (GALLO (2008), FREIRE (1971)). O que nos faz interrogar as compreensões de corpo que o define por instâncias independentes e separadas: a mente (configurando a nossa razão, lógica, pensamento), os sentimentos (formando as nossas sensações, “espiritualidade”, desejos) e o corpo (constituído por ossos, músculos e demais componentes anatômicos e fisiológicos). Junto à lógica da meritocracia e hierarquização, tão presentes em nossa sociedade, aprendemos a considerar o corpo em nível de menor importância, potencialmente em situação de pecado e degradação.

No sistema educacional preponderante, impregnado pelas formas neoliberais de pensar a vida, muitas vezes as práticas pedagógicas tornam-se violentas, afirmando, valorizando, privilegiando determinados caminhos das nossas existências, gerando “uma diferença epistemológica, que não conhece a existência, em pé de igualdade, de outros saberes, e que por isso se constitui, de fato, em hierarquia epistemológica, geradora de marginalizações, silenciamentos, exclusões ou liquidações de outros conhecimentos” (SANTOS, 2001, p. 54).

Reconhecendo que ainda prevalece esse encaminhamento da vida em sociedade – o que inclui a educação -, também consideramos que há outras formas, com possibilidades de invenções e

mudanças. Gallo (2003), ao convidar a pensar a “educação da diferença” pela diversidade e não pela unidade, também sugere pensar os que estão diante de nós a partir dos encontros. Entendendo que esse também é um dos desafios presentes na formação docente, desde 2012 desenvolvemos curso de extensão que indaga pela educação física escolar na educação de jovens e adultos (EJA), objetivando contribuir para a formação permanente dos professores da Educação Básica, fortalecendo a importância da problematização, do planejamento e dos registros na organização das práticas pedagógicas. Nesse processo, a presença de licenciandos, bolsista de extensão do curso e da iniciação científica, também objetiva aproximar a formação inicial dessa Modalidade e, o Ensino Superior da Educação Básica. Aqui, compartilhamos algumas avaliações desse Curso, com intenção principal de colaborar para a efetivação da educação pública, gratuita e de qualidade nas diversas modalidades e níveis de ensino.

Ao direcionar nosso olhar para EJA, percebemos que a heterogeneidade é marca desse contexto, o qual é constituído por homens, mulheres, adolescentes, idosos, pessoas que iniciam a escolarização, outros que voltam. O que coloca em xeque os processos educacionais encaminhados por consenso e homogeneidade (como a constituição de turmas por alunos e alunas da mesma idade cronológica; mesmo desempenho acadêmico; etc etc). As tentativas de vários projetos e programas educacionais, direcionados à EJA, em “regularizar” a “distorção idade-série escolar” indica o quanto a homogeneidade ainda é referência e objetivo. Falar da EJA é abordar um legado histórico, de exclusão e discriminação social. Reconhecendo esse sentido, a educação, como abertura ao novo, em que o vir a ser esteja presente (SCHÉRER, 2009), uma proposta curricular que considere as corporeidades e experiências dos seus sujeitos pode ter como referência, discutir, estudar, explorar o que os alunos e alunas trazem para as escolas – o que significa diálogo entre saberes, no qual as práticas pedagógicas não sejam verdades absolutas, mas favorecer o estudar como experiência, como ex-posição da/na relação com o mundo (LARROSA, 2004).

De uma maneira geral, nos processos escolares, encontramos a educação física como área do conhecimento “responsável” por tratar e educar o corpo e o movimento. Na lógica predominante, a forma como seleciona os conteúdos específicos, os desenvolve, a relação que estabelece com as demais áreas do conhecimento acabam valorizando um determinado tipo de técnica (em particular, a excelência dos gestos de alguns esportes, em sua forma competitiva), negando outras experiências, principalmente dos que fazem parte dos grupos e camadas socialmente desfavorecidas. Nos movimentos curriculares em que prevalecem estas ideias, o corpo ideal de aluno ainda é o imóvel, em silêncio, jovem, saudável, limpo, agrupados por faixas

etárias homogêneas, disciplinadamente trabalhando as atividades propostas. O curso de extensão, aqui mencionado, percorre o caminho de orientar essa prática pedagógica pela compreensão do corpo e das práticas corporais como produtos e produtores de significados sociohistóricos, extrapolando o entendimento exclusivamente biológico, auxiliando a desnaturalizar o que entendemos por conhecimento, processo educacional e vida (COLETIVO DE AUTORES, 2014). Para isso, é norteado pelas seguintes indagações: como as concepções relacionadas à educação física escolar dialogam com o cotidiano escolar? Quais as relações com a formação e atuação dos/as Professores/as em exercício na EJA? Quais as possibilidades de integração e parceria, através da Educação Física Escolar, entre Educação Básica e Ensino Superior? Quais os impactos desta parceria e integração na formação de professores desenvolvida pelo Instituto de Educação Física da Universidade pública federal que o desenvolve?

As experiências vêm apontando que a maioria dos docentes que iniciam sua prática pedagógica na EJA não conhece as necessidades e características dessa modalidade, poucos sendo ouvidos se querem atuar com esses alunos. Com nenhuma preparação específica para lidar com esse público, acabam reproduzindo um tratamento didático semelhante às demais modalidades e níveis de ensino da educação básica, sem reconhecer as especificidades da EJA (SOARES, 2002). Nos últimos anos, tem aumentado o interesse por quem não está na modalidade, mas deseja “preparação” para essa atuação. Isso nos fez intensificar a noção de que uma prática pedagógica não se faz por ela mesma (JULIÁ, 2002) e, por isso, ampliamos a característica do público alvo, para dialogar com gestores e outros professores atuantes na EJA. Assim, desde 2014 contamos com a participação de Pedagogas, coordenadoras em exercício na EJA.

Em nossas considerações provisórias, destacamos que os professores cursistas indicam que o mesmo vem contribuindo na formação permanente, através do fortalecimento da problematização, do planejamento e dos registros na organização das práticas pedagógicas. O que reforça a ideia do quanto a formação docente exige a formação permanente. A inscrição no Curso revela professores mobilizados para a realização de mudanças na educação, em que a discussão dos problemas educacionais, as reflexões em relação às práticas pedagógicas são questões presentes nas comunidades escolares. Esse é um movimento contínuo de investigação e pesquisa que coloca a prática pedagógica, a identidade profissional, os diferentes saberes e as transformações sociais como objetos de estudo e possíveis transformações (GADOTTI, 2004). Os Licenciandos, cursistas e bolsista do projeto, destacam o sentido social que se expressa nesse cotidiano.

A experiência com os professores que atuam na EJA, através do Curso de Extensão, vem nos apontando uma grande dificuldade em sair dos tempos, espaço e ideias fixas. Em diversos momentos, o contexto escolar pede o chamado “quadrado mágico” (as quatro modalidades dominantes nas aulas de educação física: vôlei, futebol, basquete e handebol), quando alunos e Professores de outras áreas reforçam essa lógica dominante, ao reconhecerem (muitas vezes pressionando) a existência exclusiva dessas práticas corporais, de forma esportivizada. O que auxilia a identificar que o processo não é simples, mas, ao fazer parte do grupo que questiona essa lógica, os Professores Cursistas, junto com os Licenciandos da graduação em Educação Física, identificam as formações de Professores/as, iniciais e permanentes, como local privilegiado para contribuir com a mudança dessa realidade. No desdobramento do Curso, a intergeracionalidade e a interdisciplinaridade apresentam-se como preocupações dos diversos Professores na EJA. O que vai ao encontro de uma educação pela e com a diferença. Para esse e outros desdobramentos, apresentar no *V Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão* em muito contribuirá.

Referências citadas:

- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA**. Brasília: CNE/CEB, Parecer 11/2000.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- GALLO, Sílvio. *Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença*. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2008.
- _____. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- JULIÁ. *Disciplinas Escolares: objetivos, ensino e apropriação*. In LOPES & Macedo. **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 37-71.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SANTOS, Boaventura. **A crítica da razão indolente**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SCHÉRER, René. **Infantis – Charles Fourier e a infância para além das crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SOARES, Leôncio. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.